



Galera

Se não
fosse você

COLLEEN HOOVER

Obras da autora publicadas pela Editora Record:

Série Slammed

Métrica

Pausa

Essa garota

Série Hopeless

Um caso perdido

Sem esperança

Em busca de Cinderela

Série Nunca jamais

Nunca, jamais

Nunca, jamais: parte 2

Nunca, jamais: parte 3

Série Talvez

Talvez um dia

Talvez agora

O lado feio do amor

Novembro, 9

Confesse

É assim que acaba

Tarde demais

As mil partes do meu coração

Todas as suas (im)perfeições

Verity

COLLEEN HOOVER

Se não
fosse você

Tradução de
Carolina Simmer

1ª edição

— **Galera** —
Rio de Janeiro | 2020

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Hoover, Colleen, 1979-

H759s

Se não fosse você [recurso eletrônico] / Colleen Hoover ; tradução Carolina Simmer. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Galera, 2020.

recurso digital

Tradução de : Regretting you

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5587-151-7 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Simmer, Carolina. II. Título.

20-66600

CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

Título original norte-americano:

Regretting you

Copyright © 2019 by Colleen Hoover

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais da autora foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000,
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-65-5587-151-7

Seja um leitor preferencial Record
Cadastre-se no site www.record.com.br e receba
informações sobre nossos lançamentos e nossas
promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor
sac@record.com.br



*Este livro vai para a brilhante e fascinante Scarlet Reynolds.
Mal consigo esperar para o impacto que você vai causar no mundo.*

Sumário

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27

Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38

1

Morgan

As vezes fico me perguntando se os humanos são os únicos seres capazes de sentir um vazio existencial.

Não entendo como meu corpo pode estar cheio de tudo que nos preenche — ossos e músculos e sangue e órgãos —, e, ainda assim, meu peito parecer oco, como se pudesse ecoar caso alguém gritasse na minha boca.

Faz algumas semanas que me sinto assim. Minha esperança era que passasse logo, porque estou começando a me preocupar com o motivo por trás deste vazio. Tenho um namorado maravilhoso com quem estou há quase dois anos. Se eu não contar os momentos de intensa imaturidade adolescente de Chris (que são, no geral, incentivados pelo álcool), ele é tudo que quero em um namorado. Engraçado, bonito, ama a mãe, tem objetivos. Eu nem mesmo entendo como ele poderia ser a causa desse sentimento.

E então há Jenny. Minha irmã caçula e melhor amiga. Mas sei que meu vazio não é por causa dela. Jenny é minha principal fonte de alegria, apesar de sermos o completo oposto uma da outra. Ela é extrovertida, espontânea, fala alto, tem uma risada que eu daria tudo para ter. Sou mais quieta, e, com frequência, meus risos são forçados.

Sempre brincamos que somos tão diferentes que, se não fôssemos irmãs, nos odiaríamos. Jenny me acharia chata, e eu a acharia irritante, mas, *porque* somos irmãs e nossa diferença de idade é de apenas doze meses, nossas divergências acabam nos unindo. Temos nossos momentos de tensão, mas nunca terminamos uma briga sem resolver o problema. E, conforme crescemos, passamos a brigar menos e a ficar mais tempo juntas.

Principalmente agora que ela está saindo com o melhor amigo de Chris, Jonah. Desde que os garotos se formaram na escola, no mês passado, nós quatro não nos desgradamos.

Minha mãe poderia ser a fonte do meu humor atual, mas não faria sentido. Sua ausência já é corriqueira. Na verdade, já me acostumei com isso, então, meio que aceitei que eu e Jenny demos azar no quesito pais. Ela não participa da nossa vida desde que papai morreu, há cinco anos. Na época, eu ficava mais amargurada por ter que cuidar da minha irmã. Conforme fui amadurecendo, passei a me incomodar menos com o fato de não ter uma mãe presente, impondo um horário para voltarmos para casa, ou... se importando com as coisas. Sinceramente, é meio divertido ter dezessete anos e a liberdade que a maioria das pessoas da minha idade sonha.

Não houve nenhuma mudança recente na minha vida para explicar esse vazio profundo que sinto. *Ou talvez algo tenha mudado, e só estou com medo demais para notar.*

— Adivinhem só? — diz Jenny. Ela está no banco do carona. Jonah dirige, e ocupo o banco de trás com Chris. Durante minha sessão de introspecção, fiquei olhando meu reflexo na janela, então interrompo meus pensamentos e a encaro. Minha irmã virou no banco, seu olhar animado indo de encontro ao meu, depois para meu namorado. Ela está bem bonita hoje. Pegou emprestado um dos meus vestidos longos e preferiu manter um estilo simples, sem muita maquiagem. É impressionante a diferença entre a Jenny de quinze anos e a de dezesseis. — Hank disse que consegue arrumar pra gente hoje.

Chris ergue o braço e bate na mão de Jenny. Volto a olhar pela janela, sem saber se aprovo o fato de ela gostar de se drogar. Eu caí na pilha algumas vezes — resultado de ter uma mãe como a nossa. Mas Jenny só tem dezesseis anos e toma tudo que encontra em todas as festas a que vamos. Esse é um dos principais motivos para eu preferir *não* participar, porque sempre me senti responsável por minha irmã, já que sou mais velha e nossa mãe não presta atenção em nada do que fazemos.

Às vezes, também me sinto como a babá de Chris. O único neste carro de quem não preciso cuidar é Jonah, mas não por ele não beber nem se drogar. Ele apenas parece manter certo nível de maturidade independentemente de qualquer coisa que coloque no corpo. Sua personalidade é uma das mais consistentes que já conheci. Jonah é calmo

quando está bêbado, chapado, feliz, e, de algum jeito, é calmo até quando fica irritado.

Ele e Chris são melhores amigos desde pequenos e parecem as versões masculinas de mim e Jenny, só que ao contrário. Chris e Jenny são o centro das atenções em todas as festas. Eu e Jonah somos os companheiros invisíveis.

Por mim, tudo bem. Prefiro não chamar atenção, tipo ficar camuflada no papel de parede e observar as pessoas com tranquilidade, do que ser a garota em cima de uma mesa no meio da sala, encarada por todo mundo.

— Essa festa fica muito longe? — pergunta Jonah.

— Mais uns dez quilômetros — responde Chris. — É perto.

— Perto daqui, talvez, mas longe da casa da gente. Quem vai dirigir na volta? — rebate Jonah.

— Eu, não! — dizem Jenny e Chris ao mesmo tempo.

Jonah me encara pelo espelho retrovisor. Ele me fita por um momento, e então assinto. Ele concorda. Sem dar uma palavra, nós dois decidimos permanecer sóbrios hoje.

Não sei como fazemos isso — nos falamos sem verbalizar nada —, mas sempre foi algo automático entre nós. Talvez por sermos muito parecidos, nossa mente está em sincronia na maior parte do tempo. Jenny e Chris não percebem. Eles não precisam se comunicar em silêncio com ninguém, porque tudo que querem dizer sai da boca deles mesmo quando não deveria.

Chris segura minha mão para me chamar. Quando o encaro, ele me beija.

— Você está bonita — sussurra ele.

Eu sorrio.

— Obrigada. Você também não está de todo ruim.

— Quer ficar na minha casa hoje?

Penso na ideia por um instante, mas Jenny se vira de novo e responde por mim:

— Ela não pode me deixar sozinha. Sou uma menor de idade prestes a passar as próximas quatro horas enchendo a cara e talvez usando substâncias ilegais. Quem vai segurar meu cabelo enquanto eu vomitar amanhã se ela ficar na sua casa?

Chris dá de ombros.

— Jonah?

Jenny ri.

— Jonah tem pais normais que querem que ele chegue em casa à meia-noite. Você sabe disso.

— Jonah acabou de se formar — insiste Chris, falando sobre o amigo como se ele não estivesse no banco da frente, escutando cada palavra. — Ele devia tomar vergonha na cara e passar uma noite inteira fora, só para variar.

Jonah estaciona em um posto de gasolina enquanto Chris fala isso.

— Querem alguma coisa? — pergunta ele, ignorando o assunto.

— Quero, vou tentar comprar cerveja — diz Chris, tirando o cinto de segurança.

Isso me faz rir.

— Só em olhar para você, já dá para ver que é menor de idade. Ninguém vai te vender cerveja.

Ele sorri para mim, encarando o comentário como um desafio. Então sai do carro e entra na loja, enquanto Jonah vai abastecer o carro. Eu estico a mão até o painel do carro e pego uma das balas de melancia que Jonah sempre deixa de lado. Melancia é o melhor sabor. Não entendo como alguém seria capaz de não gostar, mas, pelo visto, é o caso dele.

Jenny tira o cinto de segurança e engatinha para o banco de trás. Ela senta em cima das pernas e me encara.

— Acho que vou transar com Jonah hoje — diz minha irmã, com olhos travessos.

Pela primeira vez em uma eternidade, meu peito parece cheio, mas não de um jeito bom. É como se eu tivesse sido inundada com algum líquido espesso. Talvez lama.

— Você acabou de fazer dezesseis anos.

— A mesma idade que você tinha quando transou com Chris pela primeira vez.

— É, só que fazia mais de dois meses que a gente estava saindo. E ainda me arrependo. Doeu à beça, acabou em um minuto, e ele fedia a tequila. — Faço uma pausa, porque parece que acabei de insultar as habilidades do meu namorado. — Ele se aprimorou.

Jenny ri, mas então se recosta no banco com um suspiro.

— Já acho muito eu ter conseguido esperar dois meses.

Quero rir, porque dois meses não são nada. Eu preferia que ela esperasse um ano inteiro. Ou cinco.

Não sei por que sou tão do contra. Jenny tem razão — eu era mais nova do que ela na minha primeira vez. E, se minha irmã vai perder a virgindade com alguém, pelo menos que seja com um cara que sei que é legal. Jonah jamais se aproveitaria dela. Na verdade, faz um ano que ele a conhece, mas só a chamou para sair quando ela completou dezesseis anos. Jenny ficava frustrada com isso, mas foi uma atitude que ganhou meu respeito.

Eu suspiro.

— A gente só perde a virgindade uma vez, Jenny. Não quero que você passe por esse momento bêbada, na casa dos outros, na cama de um desconhecido.

Minha irmã mexe a cabeça de um lado para o outro, como se estivesse refletindo sobre o que falei.

— Então talvez a gente possa transar no carro dele.

Eu rio, mas não porque acho graça. Rio porque ela está zombando de mim. Foi exatamente assim que perdi minha virgindade com Chris. Apertada no banco de trás do Audi do pai dele. Foi uma experiência completamente desinteressante e muito vergonhosa, e, apesar de termos nos aperfeiçoado, seria legal se nossa primeira vez tivesse sido um momento digno de uma lembrança bonita.

Nem quero pensar nisso. Nem falar disso. É nesses momentos que penso o quanto é difícil ter minha irmã como melhor amiga — quero ficar empolgada por Jenny e ouvir todos os detalhes, mas, ao mesmo tempo, desejo protegê-la dos erros que cometi. Quero algo melhor para ela.

Eu a encaro com um olhar sincero, me esforçando ao máximo para não parecer maternal.

— Se acontecer hoje, pelo menos fique sóbria.

Jenny desdenha do meu conselho e engatinha de volta para o banco da frente, no mesmo instante em que Jonah entra.

Chris também retorna. *Sem* cerveja. Ele bate a porta e cruza os braços.

— É um saco ter cara de criança.

Eu rio e passo a mão em sua bochecha, fazendo com que se concentre em mim.

— Gosto da sua cara de criança.

O comentário o faz sorrir. Ele se inclina e me beija, mas se afasta assim que nossos lábios se encostam. Então dá um tapinha no banco de Jonah.

— Você devia tentar.

Chris tira dinheiro do bolso e estica o braço para a frente do carro, jogando as notas sobre o painel.

— Já não vai ter bebida demais lá? — pergunta Jonah.

— É a maior festa de formatura do ano. Nossa turma inteira vai estar lá, e todo mundo é menor de idade. Precisamos de toda ajuda possível.

Com relutância, Jonah pega o dinheiro e sai do carro. Chris me beija de novo, agora de língua. Mas se afasta bem rápido.

— O que é isso na sua boca?

Mordo a bala para quebrá-la.

— Bala.

— Quero experimentar — diz ele, trazendo a boca de volta à minha.

Jenny suspira no banco da frente.

— Parem. Vocês estão fazendo barulho.

Chris se afasta com um sorriso, mas também com um pedaço de bala na boca. Ele a mastiga enquanto coloca o cinto de segurança.

— Faz seis semanas que nós nos formamos. Que tipo de gente dá uma festa de formatura seis semanas depois? Não que eu esteja reclamando. Só parece que as comemorações já deviam ter acabado a essa altura.

— Não são seis semanas. São quatro — digo.

— Seis — insiste ele. — Hoje é onze de julho.

Seis?

Tento esconder de Chris a súbita onda de tensão que inunda todos os músculos do meu corpo, mas é impossível não reagir ao que ele acabou de dizer. Tudo em mim fica rígido.

Não faz seis semanas. *Faz?*

Se faz seis semanas... minha menstruação está duas semanas atrasada.

Merda. Merda, merda, merda.

A mala do carro de Jonah abre. Eu e Chris nos viramos exatamente quando Jonah a fecha e retorna para a porta do motorista. Quando ele entra no carro, exhibe um sorriso presunçoso.

— Filho da puta — resmunga Chris, balançando a cabeça. — Ela nem pediu sua identidade?

Jonah liga o carro e saímos do posto.

— O segredo está no ar de confiança, meu amigo.

Observo Jonah esticar o braço até o outro assento e segurar a mão de Jenny.

Olho pela janela com o estômago embrulhado, a palma das mãos suando, o coração disparado, os dedos silenciosamente contando os dias desde minha última menstruação. Eu nem tinha pensado nisso. Sei que foi durante a formatura, porque Chris ficou chateado por não podermos transar. Mas eu esperava menstruar por esses dias, pensei que só havia um mês desde que os garotos se formaram. Nós quatro estávamos tão ocupados em fazer nada durante as férias de verão que nem pensei no assunto.

Doze dias. Estou doze dias atrasada.



Passei a festa inteira sem conseguir pensar em mais nada. O que mais quero é pegar o carro de Jonah emprestado, ir até uma farmácia vinte e quatro horas e comprar um teste de gravidez, só que ele faria perguntas. Jenny e Chris notariam minha ausência. Em vez disso, preciso passar a noite sendo inundada por uma música tão alta que sinto meus ossos vibrarem. A casa está lotada de corpos suados em todos os cantos, então não há para onde fugir. Estou com medo demais para pensar em beber, porque, se eu estiver grávida, não faço ideia do que é ou não permitido. Nunca me liguei muito em gravidez, então não sei exatamente o quanto um feto pode ser impactado pelo álcool. Nem quero arriscar.

Não acredito nisso.

— Morgan! — grita Chris do outro lado da sala. Ele está em cima da mesa. Há outro cara na mesa ao lado. Os dois estão brincando de se equilibrar em uma perna e tomar shots até alguém cair. É o jogo de bebidas favorito de Chris, eu detesto ficar ao seu lado nessa hora, mas ele acena para mim. Antes de eu conseguir atravessar a sala, o cara na outra mesa cai e Chris ergue um punho vitorioso no ar. Então pula para o chão assim que o alcanço. Ele passa um braço ao meu redor, puxando-me para perto. — Você está chata — diz ele. E leva seu copo até minha boca. — Beba. Vamos nos divertir.

Afasto o copo.

— Vou dirigir. Não quero beber.

— Não, Jonah vai dirigir. Você está livre.

De novo, Chris tenta me dar a bebida, mas eu a afasto outra vez.

— Jonah queria beber, então me ofereci para dirigir — minto.

Chris olha ao redor, procurando alguém. Sigo seu olhar e vejo Jonah sentado no sofá com Jenny, cujas pernas estão jogadas no seu colo.

— Você vai dirigir hoje, não é?

Jonah olha para mim antes de responder. É uma conversa silenciosa de dois segundos, mas ele percebe por minha expressão suplicante que preciso que minta para Chris.

Ele inclina um pouco a cabeça, curioso, mas então fita o amigo.

— Não. Vou encher a cara.

Chris deixa os ombros murcharem e me encara.

— Sei. Acho que vou ter que me divertir sozinho.

Tento não me chatear com suas palavras, mas é difícil.

— Está dizendo que não sou divertida quando estou sóbria?

— Você é divertida, mas a Morgan bêbada é a minha favorita.

Puxa. Fico um pouco triste com o comentário. Mas ele está bêbado, então vou perdoar sua colocação, mesmo que seja só para evitar uma briga. Não estou no clima. Tenho coisas mais importantes com que me preocupar.

Bato de leve no peito de Chris.

— Bem, a Morgan bêbada não vai aparecer hoje, então é melhor você se divertir com outras pessoas.

Assim que termino de falar, alguém agarra o braço de Chris e o puxa de volta para as mesas.

— Revanche! — grita o cara.

Com isso, minha sobriedade deixa de ser uma preocupação para ele, e aproveito a oportunidade para escapar de Chris, do barulho, das pessoas. Saio pela porta dos fundos e encontro uma versão mais tranquila da festa e ar fresco. Há uma cadeira vazia ao lado da piscina, e, apesar de ter um casal na água que parece estar fazendo coisas que deviam ser consideradas pouco higiênicas em uma piscina, por algum motivo me parece menos incômodo ficar ali do que dentro daquela casa. Posiciono minha cadeira de costas para a dupla, me recosto e fecho os olhos. Passo os minutos seguintes tentando não ficar obcecada com qualquer sintoma que posso ou não ter sentido no último mês.

Nem tenho tempo para refletir sobre como tudo isso pode afetar meu futuro quando escuto uma cadeira sendo arrastada pelo concreto atrás de mim. Não quero abrir meus olhos e ver quem é. Não vou conseguir lidar com Chris e sua bebedeira agora. Não vou conseguir lidar com Jenny e sua mistura de vinho barato, maconha e dezesseis anos.

— Está tudo bem?

Suspiro aliviada quando escuto a voz de Jonah. Inclino a cabeça e abro os olhos, sorrindo.

— Sim. Está.

Vejo em sua cara que ele não acredita em mim, mas tanto faz. Não há possibilidade de eu contar a Jonah que minha menstruação está atrasada, porque (a) não é da conta dele, (b) nem sei se estou grávida e (c) Chris será a primeira pessoa para quem vou contar caso eu esteja.

— Obrigada por mentir para Chris — digo. — Não estou com vontade de beber hoje.

Jonah assente, compreensivo, e me oferece um copo de plástico. Noto que ele trouxe dois, então aceito um.

— É refrigerante — diz ele. — Encontrei uma garrafa perdida em um cooler.

Tomo um gole e jogo a cabeça para trás. O gosto de refrigerante é melhor do que o de álcool.

— Cadê Jenny?

Jonah aponta com a cabeça para a casa.

— Tomando shots em cima da mesa. Não quis ficar assistindo.

Solto um gemido.

— Odeio tanto essa brincadeira.

Ele ri.

— Como é que a gente acabou ficando com pessoas que são nosso completo oposto?

— Sabe como é. Opostos se atraem.

Jonah dá de ombros. Acho estranho ele dispensar meu comentário assim. Ele me encara por um instante, então afasta o olhar e diz:

— Escutei o que Chris disse para você. Não sei se é por isso que veio para cá, mas espero que saiba que não era sério. Ele está bêbado. Você sabe como ele fica nessas festas.

Acho legal o fato de Jonah defender o amigo agora. Apesar de o meu namorado ser insensível de vez em quando, eu e ele sabemos que o coração de Chris é maior do que o de nós dois juntos.

— Eu até me irritaria se esse tipo de coisa acontecesse o tempo todo, mas é uma festa de formatura. Faz sentido. Ele está se divertindo e quer que eu me divirta também. E, de certa forma, é verdade. A Morgan bêbada é bem melhor do que a Morgan sóbria.

Jonah me encara, sério.

— Discordo completamente.

Assim que ele diz isso, afasto meu olhar e encaro meu copo. Faço isso porque tenho medo do que está acontecendo agora. Meu peito começa a parecer cheio de novo, mas de um jeito bom. Tudo que antes era ausência é substituído por calor, palpitações e emoção, e odeio isso, porque parece que acabei de descobrir o motivo para eu me sentir estranha nas últimas semanas.

Jonah.

Às vezes, quando estamos sozinhos, Jonah me olha de um jeito que, assim que ele afasta o olhar, eu me sinto completamente vazia. É uma sensação que nunca experimentei quando estou com Chris.

E que me deixa apavorada.

Até pouco tempo atrás, eu nunca tinha experimentado um sentimento assim, mas, agora que aconteceu, parte de mim parece desaparecer quando a sensação vai embora.

Cubro o rosto com as mãos. É uma merda perceber que Jonah Sullivan é primeiro da lista de todas as pessoas do mundo de quem quero ficar perto.

É como se meu peito estivesse em uma busca constante pelo pedaço que falta, e Jonah o segurasse na palma de sua mão.

Eu me levanto. Preciso me afastar dele. Sou apaixonada por Chris, então é desconfortável e incômodo ficar perto do seu melhor amigo e pensar essas coisas. Talvez o refrigerante seja responsável por eu estar me sentindo assim.

Ou o medo de estar grávida.

Talvez não tenha nada a ver com Jonah.

Faz uns cinco segundos que estou em pé quando, do nada, Chris aparece. Seus braços se apertam ao meu redor por um instante antes de ele nos jogar na piscina. Fico irritada e aliviada ao mesmo tempo, porque eu precisava me afastar de Jonah, mas, agora, estou afundando em uma piscina na qual não tinha nenhuma intenção de entrar completamente vestida.

Volto à superfície junto com Chris, mas, antes mesmo que eu tenha chance de reclamar, ele me puxa e me beija. Eu retribuo, porque é uma distração necessária.

— Cadê Jenny?

Eu e Chris olhamos para cima, e Jonah se agiganta sobre nós, olhando sério para meu namorado.

— Sei lá — responde Chris.

Jonah revira os olhos.

— Pedi que você ficasse de olho nela. Ela está bêbada.

Ele segue na direção da casa, à procura da minha irmã.

— Eu também — rebate Chris. — Nunca peça que um bêbado cuide de outro bêbado! — Chris se aproxima um pouco até me alcançar e, então, me puxa. Ele apoia as costas na borda da piscina e me posiciona segurando seu pescoço, encarando-o. — Desculpe pelo que falei antes. Não acho que nenhuma versão sua seja chata.

Faço beicinho, aliviada por ele ter reconhecido que foi um babaca.

— Eu só queria que a gente se divertisse. E você não parece estar se divertindo.

— Agora, estou.

Forço um sorriso porque não quero que ele note o turbilhão dentro de mim. Mas é impossível deixar de me preocupar, não importa quanto eu tente deixar a questão de lado até ter certeza do que está acontecendo. Estou preocupada por mim, por ele, por nós, pela criança que podemos trazer para o mundo antes de estarmos prontos. Não podemos bancar algo assim. Não estamos preparados. Nem sei se Chris é a pessoa com quem quero passar o restante da minha vida. E isso, com certeza, é algo sobre o qual alguém devia ter certeza antes de gerar um ser humano.

— Quer saber qual é minha coisa favorita sobre você? — pergunta Chris. Minha camisa não para de flutuar na água, então ele a prende na frente da minha calça jeans. — Você é uma sacrificadora. Nem sei se essa palavra existe mesmo, mas é verdade. Você faz coisas que não quer para melhorar a vida das pessoas ao seu redor. Como dirigir. E isso não é comportamento de gente chata. Isso é heroico.

Eu rio. Chris fica lisonjeiro quando bebe. Às vezes, zombo dele por causa disso, mas, por dentro, adoro.

— Agora, você devia falar alguma coisa que ama em mim — continua ele.

Olho para cima e para a esquerda, como se precisasse pensar muito. Ele aperta minha cintura, brincalhão.

— Adoro como você é divertido — digo. — Você me faz rir, mesmo quando me deixa frustrada.

Chris sorri, e uma covinha aparece em seu queixo. Ele tem um sorriso tão bonito. Se eu estiver grávida, pelo menos espero que a criança tenha o

mesmo sorriso de Chris. É a única coisa positiva que consigo pensar nessa situação.

Ergo a mão e toco na covinha, pronta para dizer que adoro seu sorriso, mas acabo falando:

— Acho que você vai ser um ótimo pai algum dia.

Não sei por que falei isso. Talvez esteja sondando o terreno. Vendo como será sua reação. Chris ri.

— Vou mesmo. Clara vai ser louca por mim.

Inclino a cabeça.

— Clara?

— Minha futura filha. Já escolhi o nome. Mas ainda estou pensando no de menino.

Reviro os olhos.

— E se a sua futura esposa odiar esse nome?

Ele sobe as mãos por meu pescoço e segura minhas bochechas.

— Você não vai odiar.

Então me beija. E, apesar de o beijo não preencher meu peito como os olhares de Jonah fazem, sou tranquilizada e reconfortada por este momento. Por suas palavras. Por seu amor.

Não importa o resultado do teste de gravidez que farei amanhã... tenho certeza de que ele vai me apoiar. Chris é esse tipo de pessoa.

— Galera, vamos embora — chama Jonah.

Eu e Chris nos afastamos e olhamos para cima. Jonah está segurando Jenny. Os braços da minha irmã estão em torno do pescoço do namorado, o rosto pressionado contra o peito dele. Ela geme.

— Eu falei para ela não subir na mesa — resmunga Chris, saindo da piscina.

Ele me ajuda a sair. Torcemos o máximo de água possível das nossas roupas antes de seguir para o carro. Por sorte, o estofado é de couro. Sento no banco do motorista, já que Chris acredita que Jonah estava bebendo. Jonah vai atrás com Jenny. Enquanto o carro se afasta da festa, Chris escolhe as músicas no rádio.

“Bohemian Rhapsody” começa a tocar, então ele aumenta o volume e resolve cantar. Alguns segundos depois, Jonah canta junto.

Surpreendentemente, eu me junto aos dois, baixinho. Nenhum ser humano é capaz de escutar essa música enquanto dirige e *não* cantar junto. Mesmo morrendo de medo de uma gravidez aos dezessete anos e sentindo

coisas por certa pessoa sentada no banco traseiro que eu devia sentir por alguém acomodado no banco do passageiro.

2 Clara

Dezessete anos depois

O lho para o banco do passageiro e me encolho de nojo. Como sempre, há migalhas de algo não identificado emplastadas nas frestas do couro. Pego minha mochila e a jogo no banco de trás, junto com uma velha embalagem de fast-food e duas garrafas de água vazias. Tento limpar as migalhas. Acho que podem ser restos do bolo de banana que Lexie comeu na semana passada. Ou do bagel que eu comia enquanto íamos para a escola hoje cedo.

O tapete está coberto de trabalhos antigos amassados. Eu me estico para pegá-los e acabo guinando o carro para a vala antes de ajeitar o volante e decidir deixar os papéis onde estão. Não vale a pena morrer só para ter um carro limpo.

Quando alcanço a placa de Pare, faço uma pausa e contemplo meu dilema pelo tempo que ele merece. Posso seguir para casa, onde minha família se prepara para um dos nossos tradicionais jantares de aniversário. Ou posso pegar o retorno e voltar ao topo da colina, onde acabei de passar por Miller Adams parado no acostamento.

Ele me evitou o ano inteiro, mas não posso deixar alguém que conheço mais ou menos ilhado neste calor, não importa que exista um clima esquisito entre nós. Faz quase quarenta graus lá fora. Meu ar-condicionado está ligado, mas gotas de suor escorrem por minhas costas, ensopando meu sutiã.

Lexie usa o mesmo sutiã por uma semana inteira antes de lavá-lo. Ela diz que joga desodorante nele todas as manhãs. Para mim, usar um sutiã

duas vezes sem lavar é quase tão ruim quanto usar a mesma calcinha por dois dias seguidos.

Que pena que a filosofia de limpeza que aplico aos meus sutiãs não é válida para meu carro.

Dou uma fungada e sinto cheiro de mofo. Cogito borrifar um pouco do desodorante que guardo no porta-luvas, mas decido que, se eu voltar para dar carona a Miller, meu carro vai estar cheirando a desodorante fresco, e não sei o que seria pior: um carro com cheiro natural de mofo ou um carro que cheira a desodorante de propósito, para *cobrir* o cheiro do mofo.

Não que eu queira impressionar Miller Adams. É difícil me preocupar com a opinião de um cara que parece fazer questão de me evitar. *Mas, por algum motivo, me importo.*

Nunca contei isso para Lexie, porque fico com vergonha, mas, no começo do ano, eu e Miller nos tornamos vizinhos de armário. Duas horas depois, Charlie Banks ocupou esse posto. Perguntei se tinham mudado o armário dele, e Charlie me contou que Miller lhe deu vinte pratas para trocarem.

Talvez não tenha nada a ver comigo, mas pareceu pessoal. Não sei bem o que fiz para Miller não gostar de mim, e tento não me importar com o motivo por trás disso. Mas não gosto do fato de ele não ir com a minha cara, então nem a pau que vou perder a oportunidade de desfazer essa impressão, porque *eu sou legal, droga!* Não sou essa pessoa horrível que ele pensa que sou.

Pego o retorno. Preciso que a opinião de Miller sobre mim mude, mesmo que seja apenas por puro egoísmo.

Quando chego ao topo da colina, eu o encontro parado ao lado de uma placa, segurando o celular. Não sei onde está seu carro, e Miller com certeza não parou no meio da estrada durante uma corrida. Ele está de calça jeans azul desbotada e camisa preta, por si só itens mortais neste calor, mas... juntos? É estranho encontrar alguém que busque morrer de insolação, mas cada um sabe de si.

Miller me observa enquanto faço a volta e estaciono logo atrás do seu carro. Ele está a cerca de um metro e meio de distância da frente do veículo, então vejo o sorrisinho em seu rosto enquanto guarda o celular no bolso e me encara.

Não sei se Miller compreende o efeito que sua atenção (ou falta de) pode causar em alguém. Ele olha para as pessoas de um jeito que faz com que se

sintam a coisa mais interessante já vista no mundo. De algum jeito, seu corpo inteiro participa do olhar. Ele se inclina para a frente, as sobrancelhas unidas de curiosidade, concorda com a cabeça, escuta, ri, franze a testa. Suas expressões ao ouvir os outros são cativantes. Às vezes, fico observando de longe enquanto ele conversa com as pessoas — sentindo uma inveja secreta por receberem sua atenção. Sempre me perguntei como seria ter uma conversa de verdade com ele. Eu e Miller nunca nem nos falamos, mas já notei seus olhares no passado, e apenas uma gota minúscula de sua atenção me deixa arrepiada.

Estou começando a achar que eu não devia ter pegado o retorno, mas é tarde demais e estou aqui, então abro a janela e engulo o nervosismo.

— O próximo ônibus vai demorar pelo menos trinta dias para passar por aqui. Quer uma carona?

Miller me encara por um instante, depois olha para trás, para a estrada vazia, como se esperasse que uma opção melhor aparecesse. Ele seca o suor da testa, então fita a placa que segura.

O nervosismo que embrulha meu estômago é um sinal claro de que me importo muito com a opinião de Miller Adams, por mais que eu tente me convencer do contrário.

Odeio esse clima esquisito entre nós, apesar de eu não ter ideia do motivo por trás desse estranhamento. Mas a forma como ele foge de mim dá a impressão de que tivemos problemas no passado, quando, na verdade, nunca interagimos. É quase como terminar com um cara e depois não saber como manter uma amizade com ele.

Por mais que eu quisesse não desejar saber nada sobre ele, é difícil não almejar sua atenção, porque Miller é especial. E bonitinho. Ainda mais agora, com seu boné dos Rangers virado para trás e mechas de cabelo escuro aparecendo por baixo. Ele precisa muito de um corte. Geralmente, seu cabelo é mais curto, mas notei que, depois das férias de verão, está bem mais comprido. Gosto dele assim. Também gosto dele curto.

Merda. Eu estou prestando atenção no *cabelo* de Miller? Sinto como se meu subconsciente tivesse me traído.

Ele está chupando um pirulito, o que é comum. Seu vício em pirulitos é engraçado, mas também passa a impressão de arrogância. Acho que caras inseguros não andariam por aí chupando bala com tanta frequência, mas Miller sempre aparece na escola com um pirulito na boca e geralmente está com outro no final do almoço.

Ele tira o pirulito e lambe os lábios, e me sinto exatamente como a adolescente suada de dezesseis anos que sou.

— Você pode vir aqui por um segundo? — pergunta ele.

Estou disposta a lhe dar uma carona, mas sair nesse calor não faz parte dos meus planos.

— Não. Está quente.

Ele acena para que eu me aproxime.

— Vai ser rápido. Depressa, antes que me descubram.

Eu não quero mesmo sair do carro. Estou me arrependendo de ter voltado, apesar de finalmente ter conseguido a conversa com ele que sempre quis.

Mas é uma escolha difícil. Conversar com Miller é levemente melhor do que o vento gelado do ar-condicionado do meu carro, então reviro os olhos, dramática, antes de sair do veículo. Preciso que ele entenda o grande sacrifício que estou fazendo.

O betume fresco do pavimento gruda na sola dos meus chinelos. Faz vários meses que esta estrada está em obras, e tenho quase certeza de que meus calçados vão para o lixo por causa disso.

Ergo um dos meus pés e olho para a sola cheia de piche, gemendo.

— Vou te mandar a conta pelos meus sapatos.

Miller lança um olhar questionador para meus chinelos.

— Isso aí não é um sapato.

Olho para a placa que ele agarra. É a que indica os limites da cidade, mantida de pé por uma plataforma de madeira improvisada, apoiada por dois sacos de areia enormes. Por causa da obra, nenhuma das placas está presa ao chão.

Miller seca o suor da testa e então se inclina para baixo, pega um dos sacos de areia e o oferece para mim.

— Carregue isto e venha comigo.

Resmungo quando ele larga o saco de areia nos meus braços.

— Ir aonde com você?

Ele indica a direção de onde acabei de vir com a cabeça.

— A uns seis metros de distância.

Miller devolve o pirulito para a boca, pega o outro saco de areia e o joga tranquilamente por cima do ombro, então sai arrastando a placa. A plataforma arranha o pavimento, e pedacinhos de madeira quebram.

— Você está roubando a placa dos limites da cidade?

— Não. Só vou mudar o lugar dela.

Ele continua andando enquanto fico parada, observando-o arrastar a placa. Os músculos em seus antebraços estão repuxados, e me pergunto como é a aparência do restante do seu corpo fazendo tanto esforço. *Pare com isso, Clara!* O saco de areia faz meus braços doerem, e minha libido está acabando com meu orgulho, então, com relutância, começo a segui-lo pelos seis metros.

— Eu só queria te oferecer uma carona — digo para a nuca dele. — Nunca imaginei que ia acabar sendo cúmplice de seja lá o que está acontecendo.

Miller endireita a placa, joga seu saco de areia na base de madeira, depois tira o outro saco dos meus braços. Ele o coloca no lugar e ajeita a placa na direção certa. Então tira o pirulito da boca e sorri.

— Perfeito. Valeu. — Ele seca as mãos na calça jeans. — Posso pegar uma carona até minha casa? Juro que ficou uns dez graus mais quente no caminho para cá. Eu devia ter vindo com a picape.

Aponto para a placa.

— Por que mudamos essa placa de lugar?

Ele vira o boné de frente e baixa a aba para bloquear o sol.

— Moro a um quilômetro e meio daqui, para o lado de lá — diz Miller, apontando por cima do ombro com um dedo. — Minha pizzaria favorita não entrega fora dos limites da cidade, então toda semana mudo a placa um pouquinho de lugar. Meu plano é que ela fique do outro lado da nossa garagem antes de terminarem as obras e a cimentarem no chão.

— Você está mudando os limites da cidade? Para comer pizza?

Miller começa a andar na direção do meu carro.

— É só um quilômetro e meio.

— Não é ilegal adulterar placas de estrada?

— Talvez seja. Não sei.

Começo a segui-lo.

— Por que você está mudando a placa um pouco por vez? Não é melhor levar tudo de uma vez para outro lado da sua garagem?

Ele abre a porta do passageiro.

— Se eu for mudando aos poucos, é mais provável que não percebam.

Bom argumento.

Quando entramos no carro, tiro os chinelos cheios de piche e aumento a graduação do ar-condicionado. Miller coloca o cinto e pisa nos meus

trabalhos. Ele se inclina para baixo e pega os papéis, então começa a folheá-los e analisar minhas notas.

— Só dez — diz ele, colocando a pilha no banco de trás. — É algo que acontece naturalmente, ou você estuda muito?

— Nossa, que enxerido. E é um pouco das duas coisas. — Começo a sair do acostamento quando Miller abre o porta-luvas e olha lá dentro. Ele parece um cachorrinho curioso. — O que você está fazendo?

Ele pega meu desodorante.

— Para o caso de uma emergência? — Ele sorri e abre a tampa, inalando. — O cheiro é bom.

Miller o devolve ao porta-luvas, depois pega uma embalagem de chicletes e tira um, me oferecendo outro. *Ele está me oferecendo meu próprio chiclete.*

Faço que não com a cabeça, observando enquanto ele inspeciona meu carro com uma curiosidade mal-educada. O chiclete não é comido, porque o pirulito continua na sua boca, mas guardado em um dos seus bolsos antes de ele começar a mudar as músicas no rádio.

— Você é sempre tão intrometido?

— Sou filho único. — A resposta é oferecida como se isso justificasse alguma coisa. — O que você está escutando?

— Minha playlist está em ordem aleatória, mas quem está cantando é Greta Van Fleet.

Miller aumenta o volume no finalzinho da música, então vem um breve silêncio.

— Ela é boa?

— Não é *ela*. É uma banda de rock.

O riff de guitarra de abertura da música seguinte estoura nas caixas de som, e um sorriso enorme se espalha pelo rosto dele.

— Eu estava esperando alguma coisa mais tranquila! — grita Miller.

Olho de volta para a estrada, me perguntando se Miller Adams é assim o tempo todo. Aleatório, enxerido, talvez até hiperativo. Nossa escola não é enorme, mas ele está no último ano, então não temos aulas juntos. Mas o conheço bem o suficiente para reconhecer que anda me evitando. Só que nunca estive neste tipo de situação com ele. Cara a cara. Não sei bem o que eu esperava, mas não era isto.

Miller estica a mão para pegar algo no painel na direção do seu banco, mas antes de eu perceber o que está acontecendo, ele já abriu. Tiro a pasta

das suas mãos e a jogo no banco de trás.

— O que é aquilo? — pergunta ele.

É uma pasta com minhas inscrições para faculdade, mas não quero falar sobre esse assunto. É sempre motivo de briga entre mim e meus pais.

— Nada.

— Parecia uma inscrição de faculdade para estudar teatro. Você já está se inscrevendo em faculdades?

— Sério, você é a pessoa mais fofoqueira que já conheci. E não. Só estou reunindo tudo porque quero estar preparada. — *E as escondo no meu carro porque meus pais teriam um ataque se soubessem que quero mesmo ser atriz.* — Você já se inscreveu em alguma?

— Sim. Vou estudar cinema.

A boca de Miller se curva em um sorriso.

Agora ele está zombando de mim.

Miller começa a batucar no meu painel junto com a música. Estou tentando manter os olhos na estrada, mas ele me distrai. Em parte porque é um cara fascinante, mas também porque acho que precisa de uma babá.

De repente, ele dá um pulo, se empertigando, e isso me deixa nervosa, porque não faço ideia do motivo para seu susto. Miller tira o celular do bolso traseiro para atender a uma ligação que não escutei tocar com o barulho da música. Ele desliga meu rádio e tira o pirulito da boca. Não resta quase mais nada. Só uma bolinha vermelha minúscula.

— Oi, gata — diz ele para o telefone.

Gata? Eu me esforço para não revirar os olhos.

Deve ser Shelby Phillips, sua namorada. Faz mais ou menos um ano que os dois estão juntos. Ela estudava na nossa escola, mas se formou no ano passado e foi para uma faculdade a quarenta e cinco minutos daqui. Não desgosto dela, mas nunca interagimos. Shelby é dois anos mais velha que eu, e, apesar de dois anos não serem nada em anos de adultos, é muito em anos de ensino médio. A ideia de que Miller namora uma garota que cursa faculdade faz com que eu afunde um pouco no meu banco. Não sei por que me sinto inferior; é como se estar na faculdade automaticamente tornasse uma pessoa mais intelectual e interessante do que seria possível para alguém no segundo ano do ensino médio.

Encaro a estrada, apesar de querer descobrir todas as expressões que surgem no rosto de Miller durante a ligação. Não sei por quê.

— Estou indo para casa. — Ele faz uma pausa para a resposta dela e diz:
— Achei que isso fosse amanhã à noite. — Outra pausa. Então: — Você passou direto.

Levo um segundo para perceber que Miller está falando comigo. Eu o encaro, e ele tampa o telefone com a mão. — Aquela ali era a entrada.

Piso forte no freio. Ele segura o painel com a mão esquerda e murmura, rindo:

— Merda.

Eu estava tão compenetrada, espionando a conversa dele, que esqueci o que fazia.

— Não — diz Miller para o telefone. — Fui dar uma volta, fiquei com muito calor, então peguei uma carona.

Escuto Shelby perguntar do outro lado da linha:

— Quem te deu carona?

Ele me olha por um instante e diz:

— Um cara. Não conheço. Posso te ligar daqui a pouco?

Um cara? Alguém é desconfiada.

Miller desliga o telefone no instante em que entro no seu terreno. É a primeira vez que vejo sua casa. Eu sabia onde ela ficava, mas nunca a vi por causa das fileiras de árvores que cercam a entrada, escondendo o que está por trás do cascalho branco.

Não é o que eu esperava.

É uma construção mais velha, pequena, de madeira, muito necessitada de uma pintura. A varanda da frente abriga o tradicional balanço e duas cadeiras, as únicas coisas acolhedoras no lugar.

Há uma velha picape azul na entrada da garagem e outro carro — não tão velho, mas, por algum motivo, em piores condições do que a casa — à direita, sobre blocos de concreto, com ervas daninhas crescendo nas laterais, engolindo a carcaça.

Estou um pouco chocada. Não sei por quê. Acho que imaginei que ele morava em alguma casa grandiosa, com um lago nos fundos e uma garagem com vaga para quatro carros. As pessoas na nossa escola às vezes são cruéis e parecem julgar a popularidade de alguém por um misto de aparência e dinheiro, mas, talvez, a personalidade de Miller compense sua falta de riqueza, porque ele parece popular. Nunca vi ninguém falar mal dele.

— Não era o que você estava esperando?

Suas palavras me tiram dos meus pensamentos. Estaciono o carro quando chego no final da entrada e me esforço ao máximo para fingir que não estou nem um pouco abalada com sua casa. Mudo completamente de assunto, estreitando os olhos para ele.

— Um *cara*? — pergunto, voltando à palavra que Miller usou para se referir a mim no telefonema.

— Não vou dizer para minha namorada que peguei carona com você — responde ele. — Vou acabar sendo interrogado por três horas.

— Parece um relacionamento muito divertido e saudável.

— E é, quando não estou sendo interrogado.

— Se você detesta tanto ser interrogado, talvez fosse melhor não adulterar os limites da cidade.

Ele já está fora do carro quando digo isso, mas se inclina para dentro para me olhar antes de fechar a porta.

— Se você prometer não contar que estou ajeitando o limite da cidade, não conto que foi minha cúmplice.

— Se você comprar chinelos novos para mim, vou esquecer que o dia de hoje aconteceu.

Miller sorri como se tivesse achado graça, e diz:

— Minha carteira está lá dentro. Venha.

Eu só estava brincando, e, baseado nas condições daquela casa, não vou aceitar seu dinheiro. Mas parece que, de algum jeito, criamos uma conexão sarcástica, então, se eu parecer solidária e recusar sua oferta, posso ofendê-lo. É divertido ofender Miller de brincadeira, mas não quero fazer isso *de verdade*. Além do mais, não posso rebater, porque ele já está seguindo para a casa.

Deixo meus chinelos no carro, sem querer sujar a casa de piche, e o sigo descalça pelos degraus que rangem, notando a madeira podre no segundo. Pulo por cima.

Ele repara.

Quando entramos na sala, Miller deixa os sapatos sujos ao lado da porta. Fico aliviada ao ver que o interior da casa é bem melhor do que o exterior. O lugar é limpo e organizado, mas a decoração se mantém brutalmente presa à década de 1960. Os móveis são antigos. Um sofá de feltro laranja, com o encosto coberto por uma tradicional manta artesanal, ocupa uma parede. Duas poltronas verdes, com aparência muito desconfortável, ocupam a outra. Elas têm o estilo da metade do século, mas sem a aparência

futurista. É o oposto, na verdade. Tenho a impressão de que esses móveis não saem do lugar desde que foram comprados, bem antes de Miller nascer.

A única coisa que parece bem nova é uma poltrona reclinável virada para a televisão, mas seu ocupante aparenta ser mais velho que os móveis. Só consigo ver parte do seu perfil e o topo da sua careca enrugada, mas o pouco cabelo que resta é de um branco brilhante. Ele ronca.

Está quente aqui dentro. Quase mais quente do que do lado de fora. O ar que inalo suavemente é abafado e cheira a gordura de bacon. A janela da sala está aberta, ladeada por dois ventiladores oscilantes apontados para o homem. O avô de Miller, provavelmente. Ele é velho demais para ser seu pai.

Miller atravessa a sala e segue para um corredor. Começo a me sentir culpada por segui-lo para pegar seu dinheiro. Era só uma piada. Agora, parece uma demonstração muito patética do meu caráter.

Quando chegamos ao seu quarto, ele abre a porta, mas fico no corredor. Sinto uma brisa atravessar o cômodo e me alcançar. Ela afasta meu cabelo do ombro, e, apesar de o sopro ser quente, sinto alívio.

Meus olhos analisam o cômodo. Mais uma vez, o espaço não equivale às condições do exterior da casa. Há uma cama de casal apoiada na parede oposta. *Ele dorme ali. Bem ali, naquela cama, se revirando nos lençóis brancos durante a noite.* Eu me obrigo a afastar o olhar e observar o pôster enorme dos Beatles que ocupa o espaço onde normalmente haveria uma cabeceira. Fico me perguntando se Miller gosta de músicas antigas ou se o pôster está ali desde a década de 1960, igual aos móveis da sala. A casa é tão velha que eu não duvidaria que aquele fosse o quarto do avô dele quando era adolescente.

Mas o que realmente chama minha atenção é a câmera sobre a cômoda. Não é uma câmera barata. E há várias lentes de tamanhos diferentes ao seu lado. É um conjunto de dar inveja a qualquer fotógrafo amador.

— Você gosta de fotografia?

Miller segue meu olhar até a câmera.

— Gosto. — Ele abre a primeira gaveta da cômoda. — Mas minha paixão é o cinema. Quero ser diretor. — Ele olha para mim. — Eu daria tudo para estudar na Universidade do Texas, mas duvido que consiga uma bolsa. Então o jeito é ir para a faculdade comunitária.

Pensei que Miller estivesse zombando de mim no carro, mas, agora que vejo seu quarto, percebo que era sério. Há uma pilha de livros ao lado da

cama. Um deles foi escrito por Sidney Lumet e se chama *Fazendo filmes*. Vou até lá e o pego, folheio as páginas.

— Você é muito enxerida — imita Miller.

Reviro os olhos e devolvo o livro ao lugar.

— A faculdade comunitária tem um departamento de cinema?

Ele balança a cabeça.

— Não. Mas me ajudaria a chegar a algum lugar que tenha. — Miller se aproxima, segurando uma nota de dez dólares entre os dedos. — Os sapatos do Walmart custam cinco pratas. Você pode fazer a festa.

Eu hesito, sem ter mais vontade alguma de aceitar seu dinheiro. Ele nota minha hesitação. Então suspira, frustrado; no instante seguinte, revira os olhos e enfia a nota no bolso da frente da minha calça jeans.

— A casa é uma merda, mas não sou pobre. Aceite o dinheiro.

Engulo em seco.

Miller enfiou os dedos no meu bolso. Ainda consigo senti-los, apesar de não estarem mais lá.

Pigarreio e forço um sorriso.

— Foi um prazer fazer negócios com você.

Ele inclina a cabeça.

— Foi? Porque você parece estar se sentindo terrivelmente culpada por aceitar meu dinheiro.

Normalmente, sou uma boa atriz. Estou decepcionada comigo mesma.

Sigo para a porta, apesar de querer analisar melhor o quarto dele.

— Nada disso. Você estragou meus sapatos. Estava me devendo.

Saio do quarto e começo a atravessar o corredor, sem esperar ser seguida, mas Miller vem atrás de mim. Quando chego à sala, faço uma pausa. O velho saiu da poltrona. Ele está na cozinha, parado do lado da geladeira, abrindo uma garrafa de água. E me encara com curiosidade enquanto toma um gole.

Miller passa na minha frente.

— Tomou seus remédios, vovô?

Ele o chama de vovô. É meio fofo.

O vovô fita Miller e revira os olhos.

— Nunca me esqueci de tomar uma porcaria de remédio desde que a sua avó me largou nesta cidade. Não estou gagá.

— *Por enquanto* — brinca Miller. — E a vovó não te largou aqui. Ela teve um ataque cardíaco e morreu.

— De toda forma, ela me largou.

Miller olha para mim por cima do ombro e pisca. Não sei bem qual o motivo para a piscada. Talvez para amenizar o fato de que seu avô parece o Sr. Epaminondas, de *A casa monstro*, e seu neto querer me garantir de que ele é inofensivo. Estou começando a achar que Miller teve de onde puxar seu sarcasmo.

— Que abusado — resmunga o vovô. — Aposto vinte pratas que vivo mais do que você e toda a sua geração de indicados ao prêmio Darwin.

Miller ri.

— Cuidado, vovô. Seu lado maldoso está dando as caras.

O vovô me encara por um instante, depois volta a olhar para o neto.

— Cuidado, Miller. Sua infidelidade está dando as caras.

Ele ri dessa alfinetada, mas meio que fico com vergonha.

— Cuidado, vovô. Suas veias dilatadas estão dando as caras.

O vovô joga a tampa da garrafa de água e acerta Miller na bochecha.

— Vou tirar você do meu testamento.

— Fique à vontade. Você sempre me diz que sua única posse de valor é o ar.

O vovô dá de ombros.

— Ar que você não vai mais herdar.

Finalmente, eu rio. Antes do arremesso da tampa, estava na dúvida se aquela briga era amigável.

Miller pega a tampa e fecha a mão em torno dela. Então gesticula para mim.

— Essa é Clara Grant. Minha amiga da escola.

Amiga? *Sei*. Aceno rápido para seu avô.

— Prazer.

Ele inclina um pouco a cabeça para baixo, me encarando com seriedade.

— Clara Grant?

Concordo com a cabeça.

— Quando Miller tinha seis anos, ele cagou na calça no meio do supermercado porque morria de medo da descarga automática dos banheiros públicos.

Miller geme e abre a porta da frente, olhando para mim.

— Eu devia ter imaginado que não seria uma boa ideia trazer você aqui dentro.

Ele gesticula para que eu saia, mas continuo onde estou.

— Acho que não quero ir embora agora — digo, rindo. — Quero ouvir mais histórias do vovô.

— Tenho um monte — responde o vovô. — Na verdade, acho que você vai adorar esta. Tenho um vídeo de quando ele tinha quinze anos e estávamos na escola...

— *Vovô!* — repreende Miller, rapidamente o interrompendo. — Vá tirar uma soneca. Faz cinco minutos desde sua última.

Miller agarra meu punho e me puxa para fora da casa, fechando a porta.

— Espere. O que aconteceu quando você tinha quinze anos?

Espero que ele termine a história, porque preciso saber.

Miller balança a cabeça e parece um pouco envergonhado.

— Nada. Ele inventa um monte de merda.

Sorriso.

— Não, acho que é *you* quem está inventando merda. Preciso dessa história.

Miller segura meus ombros e me impulsiona na direção da escada da varanda.

— Você jamais vai descobrir. Nunca.

— Você não sabe como sou persistente. E gostei do seu avô. Talvez eu venha fazer umas visitas a ele — brinco. — Quando os limites da cidade mudarem, posso pedir uma pizza de pepperoni e abacaxi e escutar todas as histórias vergonhosas sobre você.

— *Abacaxi?* Na *pizza?* — Miller balança a cabeça, fingindo estar decepcionado. — Você não é mais bem-vinda aqui.

Desço a escada, pulando o degrau podre. Quando estou segura na grama, me viro.

— Você não tem direito de limitar minhas amizades. E abacaxi na pizza é delicioso. É uma mistura perfeita de doce e salgado. — Pego meu celular. — Seu avô tem Instagram?

Miller revira os olhos, mas está sorrindo.

— A gente se vê na escola, Clara. Nunca mais volte na minha casa.

Estou rindo enquanto sigo para o carro. Quando abro a porta e me viro, Miller está encarando o telefone. Nem olha para mim. No instante em que ele desaparece dentro da casa, uma notificação do Instagram faz meu telefone apitar.

Miller Adams começou a seguir você.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Se não fosse você"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).